

## O Virtual e o Político: a Análise de um Confronto Discursivo da Comunidade Brasileira de Software Livre

Luis Felipe Rosado Murillo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

### Abstract

Este artigo versa sobre as manifestações discursivas da comunidade de software livre brasileira, e está dividido em dois momentos complementares. No primeiro, discutimos as ferramentas analíticas necessárias para a realização de uma análise do discurso com base em documentação eletrônica. Em um segundo momento, mobilizamos as ferramentas para a realização da análise do discurso da comunidade de software livre e de grupos de oposição. Para a conclusão, caracterizamos o funcionamento da matriz discursiva da comunidade de software livre e quais são os deslocamentos teóricos necessários para a articulação da sociologia e a antropologia com a análise do discurso.

*Fica entendido que os meios, as extensões do homem  
'criam acontecimento' mas não 'criam consciência'*  
Marshall McLuhan, Understanding Media

### Introdução

Preocupações em torno das chamadas Tecnologias da Informação (TI) têm engajado um grande número de pesquisadores nas ciências humanas. Em antropologia, novos objetos estão sendo construídos e a expressão *etnografia virtual*<sup>1</sup> passa a ser utilizada para designar o trabalho de descrição de realidades sociais *virtualizadas* ou de formas de incorporação da Internet à cultura material de diferentes coletivos.

Enquanto meio fundamental da sociedade da informação, a Internet abre espaço para a emergência de novas formas de sociabilidade (em rede) e para a inscrição de (novas) relações de poder e desigualdade. Em termos de discurso, ela representa um novo suporte para a circulação da linguagem, permitindo uma investigação das fronteiras moventes entre virtual e o político, seus níveis de entrelaçamento e suas relações de determinação entre universos logicamente e não-logicamente estabilizados.

<sup>1</sup> A proposta de uma *etnografia virtual* assume como ponto de partida duas perspectivas complementares: a Internet *como cultura e como artefato cultural* (Hine, 2000). Nesta dupla abordagem, um conjunto de questões impõem-se ao pesquisador, a começar pela necessidade de um deslocamento em relação ao entendimento da etnografia *situada* espaço-temporalmente como ferramenta fundamental da antropologia. Imersão e engajamento são as duas condições *sine qua non* do processo etnográfico, sem as quais o trabalho de campo revela-se como pura descrição ou imposição, desavisada talvez, de modelos apriorísticos que antecipam o entendimento de uma dada realidade ou acontecimento. Com base em uma redefinição do trabalho etnográfico, a observação participante *virtual* passa necessariamente pela consideração do contexto no qual se desenvolvem novas formas de sociabilidade. Hine (2000) resumiu em uma série de princípios a sua proposta de *etnografia virtual*, dos quais poderíamos destacar: 1) o deslocamento da noção de *campo* para a noção de *campo de relações*; 2) a exploração da constituição de fronteiras e de conexões, especialmente entre o *virtual* e o *real* – com o auxílio de ferramentas de análise discursiva e pragmática; 3) o envolvimento intenso (não-extensivo) com a interação social prática e mediada – com base no entendimento da dimensão pragmática das práticas de linguagem em ambientes virtuais; 4) o caráter parcial e intersticial da etnografia virtual: contra a pretensão da etnografia tradicional que postula a descrição de informantes, lugares e culturas delimitadas no espaço e no tempo e apreendidas em sua totalidade.

Este artigo é o resultado parcial de uma pesquisa que se coloca a tarefa de pensar as fronteiras do virtual e do político realizada através da análise do discurso da comunidade de software livre<sup>2</sup>. Partimos da assunção de que "*a tecnologia não é boa nem má, mas também não é neutra*", como assevera Manuel Castells (1999). Em nossa proposta de trabalho, o discurso representa a via de acesso privilegiada ao político (entendido aqui como relação de força no e através do discurso).

Para esta pesquisa, caracterizamos a Internet como o meio e o objeto pelo qual se disputa a modelagem, o domínio e, por conseguinte, o futuro das tecnologias que a compõem. Estamos, neste sentido, de acordo com a idéia de Pierre Lévy (1995) de uma *tecnopolítica* responsável pelo atual estágio de produção, distribuição e consumo de Tecnologias de Informação. A rede mundial de computadores, entendida enquanto meio e infraestrutura técnica, tem um fim flutuante, socialmente construído através de lutas de interpretações (relações de força que se manifestam, reproduzem-se e transformam-se em confrontos discursivos e não-discursivos). Daí a importância do movimento de software livre, ao lado e à frente de grandes corporações informáticas, como um dos protagonistas daquilo que chamaremos de confrontos eletrônico-discursivos.

Este trabalho está dividido em dois momentos complementares: a discussão das ferramentas teórico-analíticas necessárias para uma análise das novas materialidades eletrônico-discursivas - especificamente, a passagem do texto como unidade de análise para a noção de hipertexto; e a mobilização dessas ferramentas para a análise do discurso da comunidade de software livre, entendida como uma das principais forças sociais engajadas na luta pela modelagem das tecnologias que compõem a Internet.

### 1. Do texto ao hipertexto

Para os pesquisadores brasileiros das diferentes correntes dos estudos da linguagem, a questão da Internet como novo suporte discursivo tem se desdobrado em pesquisas acerca do funcionamento dos *hyperlinks* (Morello, 2003), da emergência de novos gêneros textuais que se apresentam na Internet (Marcuschi, 2004) e do problema teórico e político da manipulação da informação como dado neutro (Orlandi, 2003). Em uma síntese das diversas ênfases atuais, as principais questões levantadas pelos pesquisadores giram em torno de novos problemas colocados pelas tecnologias da informação às formas de circulação (eletrônica) da linguagem.

---

<sup>2</sup> O software livre, em definição, está ancorado nas chamadas quatro liberdades: usar, estudar, copiar e distribuir as modificações que forem feitas ao código de um programa de computador. "*Nos mantemos a definição de Software Livre para mostrar claramente o que deve ser verdadeiro à respeito de um dado programa para que ele seja considerado software livre. 'Software Livre' é uma questão de liberdade, não de preço. Para entender o conceito, você deve pensar em 'liberdade de expressão', não em 'cerveja grátis'. 'Software Livre' se refere à liberdade dos usuários executarem, copiarem, distribuírem, estudarem, modificarem e aperfeiçoarem o software*". (Fonte: Projeto GNU, acessada dia 13/05/2005, <http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.pt.html>).

Na esteira dos trabalhos com a nova materialidade eletrônico-discursiva (Orlandi, 2003), ocuparemos em um primeiro momento de um problema de ordem teórico-metodológica: a passagem do *texto* como unidade de análise do discurso para o *hipertexto*.

Incorporamos em nossa pesquisa grande parte dos empreendimentos teóricos<sup>3</sup> desenvolvidos pelos pesquisadores do LABEURB-UNICAMP em seu trabalho conjunto sobre o ENDICI (enciclopédia discursiva da cidade) com o objetivo de levar adiante o esforço de afirmação de uma política de circulação da informação com base em referenciais sociológicos e discursivos. Segundo uma das pesquisadoras do ENDICI, Cláudia Wanderley, faz-se necessário considerar que "*as informações são linguagem, ou melhor, discurso*" (Wanderley, 2003:135), o que significa, em última instância, fazer com que as ferramentas da análise de discurso intervenham nos debates sobre tecnologias da informação, que insistem em apagar a historicidade de processos que envolvem o uso da linguagem.

O terreno sobre o qual se inscreve o discurso, no que diz respeito à informática, é aquele da infraestrutura técnica e das linguagens artificiais, construídas, a-históricas e logicamente estabilizadas. Logo, o problema que se impõe é o de como caracterizar esta relação bastante complexa cujas fronteiras parecem bastante nebulosas diante da experiência imediata da leitura hipertextual - batizada de *navegação*. Quer dizer, como definir a relação da materialidade linguística com a materialidade e a virtualidade eletrônicas, a língua "social" e linguagem HTML que estruturam os hipertextos? Ou, ainda, em termos analíticos, como promover a substituição de nossa unidade de análise do texto para o hipertexto - assumindo todas as consequências de um deslocamento, sem incorrer em uma mero *transporte*, desatento a uma devida *transposição*<sup>4</sup>?

Nossa preocupação com a questão da circulação do discurso na Internet explica-se, em parte, pelas características da *comunidade discursiva*<sup>5</sup> em estudo. O movimento de software livre, em suas dimensões globais, constitui-se fundamentalmente através da Internet, ainda que sejam importantes as reuniões face-a-face regionais e internacionais. É, portanto, imprescindível refletirmos sobre as especificidades do *discurso eletrônico*, uma vez a principal fonte documental da comunidade em investigação é hipertextual.

Pode-se afirmar que o hipertexto<sup>6</sup> possui características bastante conhecidas em relação ao texto convencional, sendo algumas delas: a fluidez e a velocidade, a predominância da não-linearidade e da descontinuidade, a convergência de múltiplas linguagens (como a filmica e a musical por exemplo) e a interatividade com um imenso número de trajetórias para a *aferição de uma textualidade no meio de*

<sup>3</sup> Segundo Orlandi (2003:32), "*as TI trabalham sob o efeito da existência de um objeto, produto chamado informação (já-lá)... e de uma circulação possível dessa informação para além do trabalho de interpretação*".

<sup>4</sup> Eni Orlandi utiliza estes dois termos para fazer a distinção de práticas que tomam de empréstimo conceitos de outras áreas sem levar em consideração a especificidade desses termos (*transporte*), em nível epistemológico, e práticas que realizam a *transposição* de conceitos com a devida *vigilância epistemológica*.

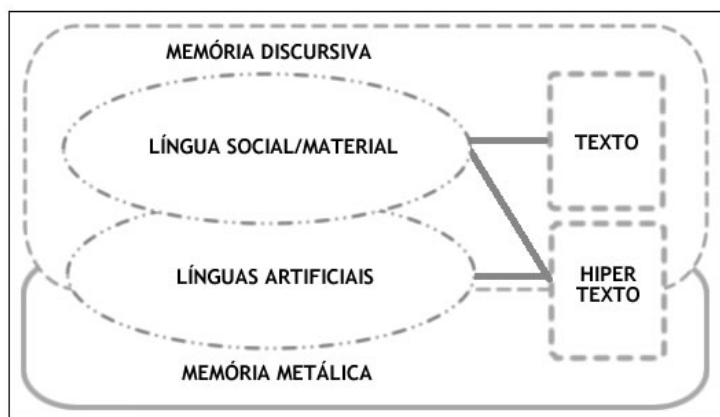
<sup>5</sup> "*A noção de prática discursiva integra, pois, estes dois elementos: por uma lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva*" (Maingueneau, 1997:56, grifo nosso).

<sup>6</sup> Para um histórico da noção de hipertexto, ver Lévy, 1995.

*outras possíveis* (Orlandi, 2003:14). Estas seriam algumas das características centrais, no que diz respeito à superfície textual, apontadas por outros estudos concernentes ao hipertexto. No entanto, em termos de funcionamento da linguagem, tal descrição não é suficiente para um trabalho preocupado com o ordenamento particular sobre o textual do político e do histórico.

Com o objetivo de realizarmos a passagem da *materialidade de carbono para a materialidade de silício* - para usarmos a metáfora de Cláudia Wanderley -, o texto, entendido como "lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem e de funcionamento das discursividades" (Orlandi, 2003:40), deve dar lugar para a entrada de elementos pertinentes ao hipertexto. A noção de Eni Orlandi de um texto aberto, relacionado com outros textos e, da mesma forma, com as suas condições de produção encontra um espaço bastante fértil para a sua intervenção nas discussões acerca da circulação do discurso no meio eletrônico.

Em definição, o hipertexto é, para este trabalho, o ponto de confluência de línguas e memórias bastante específicas. Ele marca o lugar de articulação da memória dos computadores (numérica, sistemática) com a memória discursiva (lacunar, aberta ao confronto) ao promover o encontro da língua "social" (a língua do ponto de vista da análise de discurso - atravessada pela historicidade) com as linguagens de programação (o HTML como uma linguagem de marcação e outras de alto nível). A intersecção das noções em jogo deve ficar clara a partir do seguinte esquema:



Esquema 1: unidades de análise, texto e hipertexto

O esquema acima sugere que o hipertexto sutura a linguagem artificial à linguagem verbal, sendo o resultado desta costura o aparecimento de um elemento fundamental na busca de compreensão de processos discursivos em meios eletrônicos. O *hiperlink* (a ligação simbólica do hipertexto para outros hipertextos, palavras, figuras, sons, objetos-arquivos, etc.) é este elemento, produto da confluência de linguagens.

Dentro deste mesmo espaço de combinação entre diferentes organizações (textuais) e ordens (sociais), o esquema exposto acima representa também a interface, apontada por Pedro de Souza (1994), entre a definição filosófica de "virtualidade" proposita por Pierre Lévy (1993) e a noção de interdiscurso. Lévy trabalhou a idéia de virtualidade para caracterizar a realidade *en absentia* do meio eletrônico, com vistas a definir uma outra dimensão do real e para sustentar sua discussão sobre a cibercultura. Para o autor, o virtual é um real em potência, latente, uma presença imaterial que se opõe ao atual e não ao real. O conceito é bastante abrangente para Pierre Lévy ao contrário do que acontece para a análise de discurso. Para Michel Pêcheux, o virtual<sup>7</sup> é o correspondente discursivo, devidamente ressignificado, do eixo paradigmático saussuriano. O autor refere-se à idéia de um *espaço virtual* (Pêcheux, 1990:55) para fazer menção à memória discursiva: é a partir dessa virtualidade que se faz a leitura de uma sequência, assumindo (e, ao mesmo tempo, esquecendo que o faz) uma posição em um sistema de repartição e dispersão de enunciados - a chamada formação discursiva (doravante FD).

Façamos agora a discussão do funcionamento dos *links* em (hiper)textualizações políticas da comunidade de software livre brasileira. Vejamos, pois, como se entrelaçam os domínios do virtual e do político.

## 2. A comunidade discursiva de software livre brasileira

A cidade de Porto Alegre foi o palco de cinco fóruns internacionais de software livre, promovidos pela ONG *Projeto Software Livre Brasil*. Reuniram-se anualmente, desde o ano 2000, milhares de participantes provenientes de universidades, ONGs, empresas, governos, grupos de usuários, entre outros. Com o slogan "*A tecnologia que liberta*", o quinto Fórum internacional de Software Livre, realizado de 2 a 5 de Junho de 2004, teve desdobramentos particularmente interessantes para um trabalho de análise discursiva. Em uma extensão dos diálogos estabelecidos durante o fórum e da circulação dos enunciados que emergiram de um entrelaçamento de vozes técnicas e político-institucionais acerca da possibilidade de adoção de software livre nos órgãos do governo federal, o confronto entre representantes da comunidade de software livre e agentes brasileiros da corporação Microsoft tornou-se público. Foi, também, em função da efervescência do quinto Fórum que uma série de enunciados começaram a circular sob a rubrica do "caso Sérgio Amadeu", enunciados que resultaram do conflito discursivo entre duas FDs antagônicas: a FD comunitária (dos produtores de software livre brasileiros) e a FD corporativa (dos agentes da corporação Microsoft Brasil). Em uma entrevista para a revista Carta Capital (matéria da edição de 17 de março de 2004 intitulada "*O pinguim avança*"), o então presidente do Instituto nacional de Tecnologia da Informação do governo Lula, Sérgio Amadeu, teve sua posição interpretada através da forma de discurso relatado:

<sup>7</sup> As ocorrências do termo "virtual" podem ser lidas em Pêcheux (1990).

*"Na defesa do software livre, Amadeu não poupa críticas à Microsoft, a quem acusa de 'prática de traficante' por oferecer o sistema operacional Windows a alguns governos e prefeituras para a instalação em programas de inclusão digital". (Revista Carta Capital, 17/03/2004)*

Devido ao enunciado da revista creditado à Sérgio Amadeu, a representante da corporação Microsoft no Brasil entrou como um pedido de esclarecimentos em uma ação judicial. Tal atitude resultou no lançamento da campanha *online* "O Brasil tem o direito de escolher" por parte da comunidade brasileira de software livre. Como materialização/virtualização do conflito foi criado um *wiki*<sup>8</sup> com *links* que apontam para as reportagens que discursivizaram o evento:

- "*Microsoft está tentando intimidar o governo, diz presidente do ITI*" ([www.valor.com.br](http://www.valor.com.br))
- "*Microsoft processa Sérgio Amadeu*" ([www.pontobr.org](http://www.pontobr.org))
- "*Microsoft tenta intimidar governo brasileiro*" ([www.libre.pmro.rj.gov.br](http://www.libre.pmro.rj.gov.br))
- "*Microsoft processa autoridade máxima da adoção do Linux no Governo Brasileiro*" ([brlinux.linuxsecurity.com.br](http://brlinux.linuxsecurity.com.br))
- "*Multinacional processa presidente do ITI*" ([www.softwarelivre.gov.br](http://www.softwarelivre.gov.br))

O que parece interessante reter de acontecimento discursivo para fins analíticos são as manifestações materiais/virtuais de um confronto latente entre as duas formações discursivas. Trata-se, sobretudo, de pontos de encontro entre o interdiscurso específico (a memória dos dizeres que povoam as manifestações hipertextuais da comunidade de software livre) e os acontecimentos (a ocasião do quinto Fórum Internacional de Software Livre e, por conseguinte, a eclosão do chamado "Caso Sérgio Amadeu"). A construção de ligações simbólicas do *wiki* revela uma característica do funcionamento discursivo dos *links*: "o fato de que um link faz sentidos, estabiliza circuitos, fixa evidências" (Morello, 2003:123). A proposição de uma ligação e não outra já é um posicionamento em relação à memória, já é um *gesto de interpretação* (Orlandi, 1999). No caso das ligações propostas (em detrimento de outras) pelos autores do *wiki*, temos a predominância de links externos para hipertextos que emergem de uma mesma FD e a separação, visível na organização dos elementos no hipertexto, da ligação para a única ocorrência da FD contrária (o link para a matéria do site Baboo, cujo título é "*O Sr. Sérgio Amadeu e os erros do radicalismo ideológico*", publicada dia 04/Jul/2004 – <http://www.baboo.com.br>).

Ainda em relação ao *wiki*, é preciso sublinhar a sua especificidade uma vez que seu funcionamento revela aspectos do funcionamento hipertextual e da própria organização da comunidade. Pelo menos dois pontos de contato são possíveis entre conceitos teóricos a respeito da particularidade do *wiki*: em relação à noção de Dominique Maingueneau de *Comunidade Discursiva*, é importante levar em consideração a moderação

<sup>8</sup> *Wiki* é um hipertexto cujo conteúdo é editado de forma colaborativa.

realizada no *wiki* por parte dos membros da comunidade (quão distante as posições-sujeito podem estar para que se permita a edição do *wiki*?); e, no que diz respeito à proposição de ligações para fora do *wiki* (os links externos), como eles estão relacionados aos posicionamentos possíveis dentro de uma FD com as suas regularidades a determinar a formação de objetos do discurso.

A marca mais saliente nas manifestações hipertextuais da comunidade de software livre sugere a primeira regularidade da FD comunitária, a saber, a saturação discursiva da forma nominal *Software* sob a determinação do adjetivo *Livre*. Em relação parafrástica, vários objetos apresentam esta regularidade ao trazerem a marca da determinação (e do pré-construído proveniente do interdiscurso): *código-fonte (livre)*, *comunidade (livre)*, *tecnologia (livre)* *hackers (livres)*.

Como condição de possibilidade do exercício da função enunciativa, a determinação da qualidade "Livre" sobre o software desestabiliza os sentidos cristalizados anteriormente por práticas de outras comunidades discursivas, para as quais o software é evidentemente proprietário. Do efeito de sentido que sustenta tal evidência da propriedade inalienável de idéias (estruturadas logicamente através de linguagens artificiais), cristalizam-se também as formas de nomear as restrições acerca da utilização e da distribuição dessas idéias, destes softwares. São produtos da saturação discursiva as designações *Shareware*, *Postcard Ware*, *Demo*, *Freeware*, etc. E foi, sobretudo, a partir da ruptura desta rede de sentidos anterior que emergiram os novos efeitos desestabilizadores da *tecnologia* (do software, da comunidade, dos hackers, do código fonte) *livre*.

São também responsáveis pela manutenção das fronteiras (moventes) das FDs em conflito as marcas de alteridade nos discursos através da modalização autonímica (uso das aspas). Pode-se dizer que o emprego das aspas nos revela aspectos fundamentais de um processo discursivo. Elas "*designam uma linha de demarcação que uma formação discursiva estabelece entre ela e o seu exterior*" (Maingueneau, 1997:90). O uso das aspas na linearização dos saberes da FD corporativa, por exemplo, expõe o que se deve marcar como elemento estranho. Vejamos os enunciados das duas FDs e o respectivo emprego das aspas:

#### **FD Comunitária:**

*"Em plena semana do maior evento de software livre da América Latina e um dos mais importantes do mundo, o funcionário presidente da Microsoft Brasil, Emílio Umeoka, inicia a tentativa de intimidação declarando que a decisão do governo brasileiro de apoiar o software livre nos computadores do setor público está sendo "influenciado pela ideologia"*. (Projeto Software Livre Brasil, website: <http://www.softwarelivre.org>, acessado 13/05/2005).

*"O vendedor da mega-empresa-monopolista, Sr. Umeoka, vai mais longe afirmando que a decisão soberana de nosso governo, legitimamente eleito, pode levar o país na "direção errada"*. (Projeto Software Livre, website: <http://www.softwarelivre.org>, acessado 13/05/2005).

"*Software Proprietario (software que subjuga o usuário)*". (Manifesto pela BIOS livre, site da Fundação de Software Livre, FSF website: <http://www.fsf.org>, acessado dia 10/02/2005).

**FD Corporativa:**

"*Ao impor uso do Linux e do software livre no Governo, o Sr. Sérgio faz exatamente o contrário do que ele mesmo prega: a imposição pura e simples de uma linha de produtos, criando um modelo hegemônico, sem considerar as vantagens e desvantagens do seu uso e adotando-o por pura ideologia. Com isso temos a nova era do "Pinguinismo" (...), aonde todos são convidados a serem "livres" ao serem simplesmente obrigados (!) a usarem Linux e seus aplicativos de código-aberto*". (Site Baboo de usuários Windows, website: <http://www.baboo.com.br>, acessado dia 20/04/2005).

"*Sendo que muitos textos são totalmente apelativos, como no caso da CIPSGA, que utilizou o termo "o amigo Sérgio Amadeu da Silveira" para dar um tom mais íntimo a alguém que deve ser apoiado por estes devido à xenofobia e radicalismo em comum. Qualquer semelhança com o termo "companheiro" do PT ou "camarada" do socialismo não é mera coincidência...*" (Site Baboo, acessado dia 20/04/2005).

"*porquê (sic) tanto radicalismo e preconceito contra o Windows e a Microsoft? Se os próprios usuários de Linux que se consideram 'livres' também usam o Windows*" (Site Baboo, acessado dia 20/04/2005).

A tematização nos discursos antagônicos pode servir como uma via de acesso para a caracterização de rupturas no fio do discurso. As aspas, exemplificadas nas seqüências acima, cumprem um papel semelhante na explicitação de elementos *outros* que se linearizam na superfície linguística.

O discurso proprietário trabalha com a oposição à imagem de um comunismo informático, geralmente atribuída à organização do trabalho na comunidade de software livre. A expressão "Pinguinismo" e a seqüência "Qualquer semelhança como o termo 'companheiro'..." são as marcas de uma relação específica com a memória histórica. A continuação desta última seqüência "... do PT ou 'camarada' do socialismo não é mera coincidência..." evidencia parte das condições de produção do discurso proprietário. Por um lado, a imagem do Outro (comunitário) é construída a partir de uma sobreposição de imagens: o lugar do autoritarismo ("aonde todos são convidados a serem 'livres' ao serem simplesmente obrigados") e o lugar à esquerda no espectro das posições políticas identificado com o Partido dos Trabalhadores. São marcas atribuídas àqueles que "acham que a sua opinião pessoal deve ser imposta a todos como verdade absoluta", os mediadores da comunidade de software livre ideologicamente caracterizados, (Site Baboo, acessado dia 13/05/2005) a "xenofobia e o radicalismo".



No intradiscursivo comunitário, por outro lado, marca-se a alteridade através da identificação da negação (da pressuposição) da liberdade do software e de outros referentes: "*Se a democracia é um valor repleto de ideologia, não é jamais um valor insignificante*" (Nota à imprensa, Sérgio Amadeu, ITI, 17 de junho de 2004). Vejamos o exemplo da seqüência discursiva abaixo:

"(...) a contratação de **software preservando os valores de liberdade e abertura** é, para o Governo Federal, uma questão ligada de forma indissolúvel ao **princípio democrático**" (Nota à imprensa, Sérgio Amadeu, ITI, 17 de junho de 2004).

A alteridade no discurso comunitário é construída através de oposições, como por exemplo entre o software *Que Liberta* versus o software *Que subjuga, a independência tecnológica* versus *o aprisionamento tecnológico*. Consideremos a seqüências discursivas abaixo com o intuito de refletirmos sobre presença de não-ditos:

**SD1:** "*O futuro é livre*" (Nota à imprensa, Sérgio Amadeu, ITI, 17 de junho de 2004)

Ao referirmos a seqüência anterior ao seu espaço virtual de leitura, é-nos permitido retomar seus efeitos de sentido a partir daquilo que se silencia no enunciado: o futuro é *livre* (com a tecnologia livre); o brasil tem o direito de escolher (a tecnologia livre); o software livre é (a tecnologia que liberta). Em termos de heterogeneidade discursiva, podemos, ainda, referir este enunciado a uma série de outros enunciados sobre a liberdade de software, começando por aquilo que consideramos o *discurso fundador*: o lançamento da licença de software GNU/GPL<sup>9</sup>.

Para caracterizarmos igualmente a FD corporativa é interessante observarmos como é feita a leitura da seqüência SD1. O percurso do enunciado de Sérgio Amadeu (SD1), da FD comunitária até a FD corporativa, exemplifica a constante denegação da marca fundamental da FD comunitária - a questão da liberdade (com a liberdade do software) -, como sugere a seqüência discursiva abaixo:

**SD2:** "*O futuro é livre - mas impor a todos o uso do Linux ou do software livre não indica liberdade alguma*" (Site Baboo - publicado dia 04/Jul/2004 – <http://www.baboo.com.br>)

A discussão acerca da *liberdade de software* versus *a imposição do software livre* nos permite, ainda, ascender para outro nível de análise. Ao mobilizarmos a noção de comunidade discursiva de Maingueneau, procuramos dar um passo adiante na caracterização das práticas não-discursivas na medida em que elas se articulam às práticas de linguagem. Para fins sociológicos, a noção bidimensional de prática discursiva (Maingueneau, 1997) nos habilita a investigação dos laços sociais constitutivos da FD comunitária. A este respeito, uma literatura bastante recente em antropologia (Apgaua, 2004) tem apontado a lógica da dádiva como o princípio que orienta o sistema de trocas da comunidade de software livre<sup>10</sup>. A hipótese teórica que

<sup>9</sup> A *GNU General Public License* é a licença de software criada em 1989 pela Fundação de Software Livre (FSF) e define e regula a economia do software livre.

<sup>10</sup> "*A dádiva escapa ao modelo mercantil, por suas características paradoxais, como: gratuidade e retorno, interesse e desinteresse, liberdade e obrigação, desigualdade nas trocas, prazer em dar, espontaneidade, fortalecimento do vínculo, etc*" (APGAUA, 2004: 230).

assumimos é a de que é possível percorrer o domínio da linguagem e o domínio das práticas sociais de forma integrada, na medida em que eles se interpenetram e seus efeitos repercutem em ambos. As práticas discursivas podem fazer a manutenção da fronteira de uma comunidade por exemplo, da mesma maneira que as práticas não-discursivas são responsáveis pelo suporte institucional que é condição de possibilidade da própria prática de linguagem. No caso da comunidade discursiva do software livre, o que está em jogo é a promoção de uma nova economia da informação, em contraposição ao modelo corporativo. Em síntese, são diferentes formas de trabalhar a informação e de organizar o trabalho, em termos discursivos e sócio-históricos, que caracterizam a comunidade cujo nome faz fronteira - *livre*. Nas palavras de Maingueneau:

*Preferimos admitir que não existe relação de exterioridade entre o funcionamento do grupo e o seu discurso, sendo preciso pensar, desde o início, em sua embricação. (...) Não se dirá, pois, que o grupo gera um discurso do exterior, mas que a instituição discursiva possui, de alguma forma, duas faces, uma que diz respeito ao social e a outra, à linguagem. A partir daí, as formações discursivas concorrentes em uma determinada área também se opõem pelo modo de funcionamento dos grupos que lhes estão associados" (Maingueneau, 1997:55 - grifo do autor).*

### **Considerações finais**

O sociólogo Boaventura de Souza Santos em sua palestra realizada no XI Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia afirmou: "*A realidade não é só aquilo que está dado, é também a possibilidade do novo*". Esta asserção é, ao mesmo tempo, a reivindicação para que alguns domínios da sociologia, ainda muito apegados ao dado observável, repensem seus referenciais e a evidência de uma abertura teórica que se processa nas ciências sociais contemporâneas, para as quais a análise de discurso tem muito a contribuir.

O jogo próprio da linguagem entre a possibilidade, a emergência de novos e a persistência dos mesmos dizeres é o objeto da análise de discurso – sob a primazia do interdiscurso<sup>11</sup>. Esta orientação teórico-analítica aliada, portanto, a uma ciência social que se ocupe também das virtualidades (de ordem informática e subjetiva) que se objetivam no social (em rede), encontra uma outra solução possível para o problema da articulação das práticas discursivas com as práticas não-discursivas.

Este artigo é um produto de reflexões esboçadas entre zonas apartadas: a zona discursiva, na qual se desenvolvem as relações entre o virtual e o político e a zona sociológica, para a qual novos objetos são

---

<sup>11</sup> Em Pêcheux (1988:260) "*o não-dito precede e domina a asserção*".

possíveis a partir da constituição de formas de sociabilidade em rede (sob o novo paradigma *informacional* conforme Castells<sup>12</sup>).

Dos resultados parciais de nosso esforço analítico muitas questões permanecem abertas e três vetores traçados, em função das necessidades de nossa pesquisa, requerem aprofundamento. No que tange às relações entre linguagens computacionais e língua "social", a anáfora e a dêixis discursiva merecem um estudo detalhado, assim como a aproximação da noção de hiperlíngua de Auroux<sup>13</sup> da articulação de linguagens que funda o hipertexto. Em termos sociológicos e discursivos, o estudo da comunidade de software livre deve passar ainda por um tratamento minucioso da superfície hipertextual, como o intuito de também avançar na investigação empírica baseada em observação participante dos laços sociais que sustentam a comunidade.

Em síntese, a continuidade deste trabalho de análise têm por objetivo contribuir para o registro das lutas que forjam as ferramentas informáticas e dos modos de vida que decorrem tanto de sua utilização como de participação direta em confrontos discursivos. A comunidade de software livre é, para este empreendimento, o *locus* privilegiado e o conjunto de *nodes* de todas as relações que foram aqui propostas.

### **Bibliografia**

Apgaua, Renata (2004). "O Linux e a perspectiva da dádiva". *Horizontes Antropológicos*, 10 (21), Porto Alegre, 221-240.

Auroux, Sylvain (1998). "A 'hiperlíngua' e a externalidade da referência". In E. Orlandi (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP.

Castells, Manuel (1999). *A Sociedade em Rede (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura)*. Vol. 1, São Paulo: Editora Paz e Terra.

Hine, Christine (2000). *Virtual Ethnography*. London: Sage Publications.

<sup>12</sup> Segundo Castells (1999), são características da base material da sociedade da informação: a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias; a informação como matéria-prima; a lógica de rede em qualquer sistema ou conjunto de relações; a convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado e, referente ao sistema de redes, a flexibilidade.

<sup>13</sup> Em uma nota de seu artigo, Auroux (1998) cita Lévy a respeito de sua definição de hiperlíngua. Parece que nesta citação grande parte do que tentamos expor na definição da articulação encontra-se, em parte, resolvido: "Para que as coletividades compartilhem do sentido, não é o bastante que cada um de seus membros receba a mesma mensagem. O papel das coletividades é precisamente o de colocar em comum não somente os textos, mas as redes de associações, de anotações e de comentários no interior das quais eles são apreendidos uns em relação aos outros. Dessa maneira, encontra-se ao dispor e materializada a constituição de um sentido comum: a elaboração coletiva de um hipertexto" (Lévy, 1998:81).

Lévy, Pierre. (1998). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34

Lévy, Pierre. (1995). *As Tecnologias da Inteligência*. São Paulo: Ed. 34.

Lévy, Pierre. (1993). *O Que é o Virtual*. São Paulo: Ed. 34.

McLuhan, Marshall (1964). *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: Signet Books.

Maingueneau, D. (1997). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, São Paulo: Editora Pontes.

Marcuschi, Luiz Antônio (2004). Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In L.A. Marcuschi & A.C. Xavier (orgs.) *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 13-67.

Morello, R. (2003). Definir e linkar: em que sentido? In: E. Orlandi (org.) *Para uma Enciclopédia da Cidade*. Campinas: Pontes.

Orlandi, Eni (org.) (2003). *Para uma Enciclopédia da Cidade*. Campinas: Pontes.

Orlandi, Eni (org.) (1998). *Gestos de Leitura: da História no Discurso*. Campinas: Editora da UniCamp.

Pêcheux, Michel (1990). *O Discurso, Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Editora Pontes.

Pêcheux, Michel (1988). *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas: Editora da UniCamp.

Souza, Pedro de (1997). Anotações acerca da lingüística rarefeita na análise do discurso. *Cadernos da F.F.C.*, 6(2), Marília.

Wanderley, Cláudia (2003). Recursos do discurso eletrônico e a construção do sistema Endici. In E. Orlandi (org.) *Para uma Enciclopédia da Cidade*. Campinas: Pontes.